Capítulo VI — Terceira dificuldade: Estabelecer o cristianismo

I

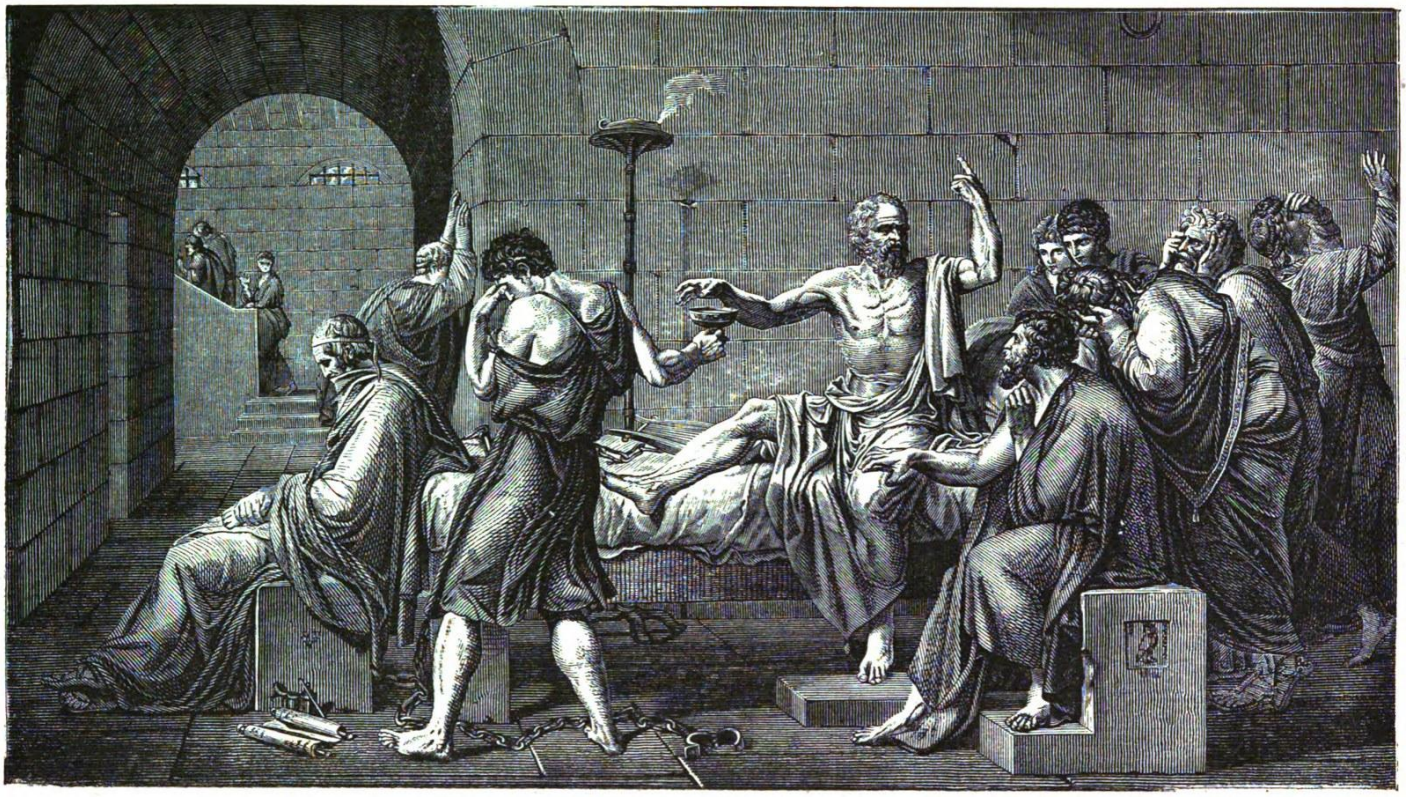
Destruir o judaísmo e o paganismo não era senão a primeira e a menos difícil parte da empresa. Sobre as suas ruínas, erguer o cristianismo era a segunda. Ora, que era o cristianismo? Era a adoração de um Judeu crucificado, substituindo em todos os altares do mundo o eterno Jeová e o grande Júpiter. Era, para o Judeu como para o pagão, o mais monstruoso sacrilégio. Era a inversão completa da razão e a mais flagrante loucura. Para os menos hostis, o cristianismo era uma religião nova, absurda, impossível, de antemão desacreditada pelo suplício ignominioso de seu autor e desprezível pela obscuridade de seus adeptos.

II

Para muitos, tanto entre os Judeus como entre os gentios, o cristianismo era algo ainda mais odioso. Era a aparição formidável da verdade, dessa verdade acusadora que o homem teme como um flagelo, porque condena suas obras de trevas, o fatiga com suas impiedosas luzes e o persegue com seus implacáveis remorsos. Quais não terão sido o pavor, o estremecimento, a raiva de todos esses homens de coração corrompido, de que o mundo estava cheio, quando reconheceram essa rainha absoluta, que vinha reivindicar seus direitos usurpados![^1]

III

Se o homem a quem chamam o mais sábio dos filósofos, Sócrates, foi, dizem, condenado a beber a cicuta por ter ousado lembrar uma só dessas verdades reformadoras, como serão acolhidos os que vierem proclamá-las todas, com uma autoridade que não permite réplica?

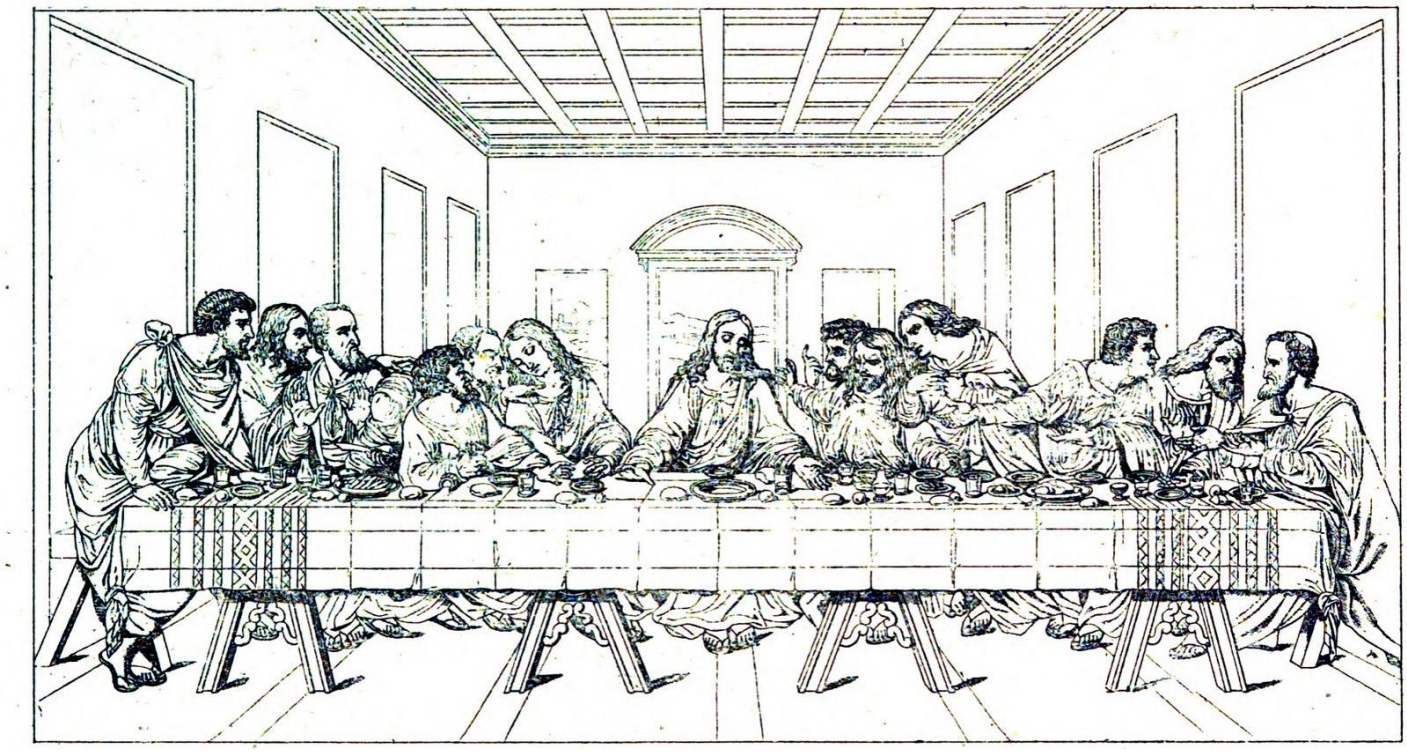


> **A morte de Sócrates.** Segundo David, século XVIII. (Ver o texto, p. 35.)

Assim, por uma coincidência inaudita, tanto a ignorância do vulgo como a ciência dos sábios conspiravam com igual força contra o estabelecimento do cristianismo.

IV

É preciso dizê-lo: seu mais temível cúmplice era o próprio cristianismo. Em seu dogma, era uma religião toda eriçada de mistérios incríveis. Pregava um Deus judeu, e Judeu crucificado; um Deus único, e três pessoas nesse Deus; um Deus homem, nascido de uma virgem; um Deus que se come sob a forma de um pedaço de pão, que se bebe sob a aparência de algumas gotas de vinho, e cem outros dogmas igualmente ridículos aos olhos da razão. Todos esses dogmas era preciso admiti-los sem dizer palavra, e com tanta convicção que se devia estar pronto a morrer por defendê-los, sob pena de cair, ao sair da vida, nas brasas eternas.



> **A instituição da Eucaristia.** Quadro de Leonardo da Vinci, no convento das Graças, em Milão, século XV. — «Tomai, e comei: este he o meu corpo» (Mt 26, 26); «Este he o meu corpo, que se dá por vós» (Lc 22, 19). (Ver o texto, p. 35.)

V

Em sua moral, era uma religião assustadora de severidade e de austeridade. Assustadora de severidade: não se contentava em condenar as ações culpáveis; proscrevia as palavras, os olhares, os menores gestos opostos a alguma das virtudes que pregava, e as pregava todas. Descendo até o fundo das consciências, ia buscar a fibra mais delicada e a arrancava sem piedade. A seus olhos, o pensamento do mal, fugaz mas consentido, era um crime punível com uma eternidade de suplícios.

VI

Assustadora de austeridade: só falava de crucifixão, de lágrimas, de mortificações, de jejuns, de vigilância contínua, de combates contra si mesmo, de confissões humilhantes e de cem outras práticas mais incômodas e, na aparência, mais absurdas umas que as outras.

Para citar apenas um exemplo. Dizia-se a um homem que pedia para ser cristão: «Se quereis ser da nossa religião, é preciso despir-vos. — Despir-me! Quem? Eu? Um homem honrado, um príncipe, um imperador, um Constantino, despojar-me? Estais zombando de mim ao dizer-me isso?

— Sim, é preciso ficar em camisa na presença de um de vossos vassalos e pedir-lhe que vos mergulhe na água, e não somente até o pescoço, mas até acima da cabeça.» Assim se batizava na Igreja primitiva.[^2]

Ordenava, além disso, a observância de leis desconhecidas, contrárias aos costumes mais antigos, aos preconceitos mais universais, tais como o perdão das injúrias, o amor dos inimigos, a fraternidade de todos os homens e sua igualdade diante de Deus: isto é, atacava no coração todo o mundo antigo, cuja base social era a escravidão.



> **A Santíssima Trindade.** Quadro de Alberto Dürer (1511). Museu Imperial de Viena. (Ver p. 35.)

VII

Em seu culto, não inspirava menos repulsa. As magníficas igrejas, as brilhantes solenidades, as cerimônias imponentes que hoje cativam os sentidos e atraem os corações eram desconhecidas do cristianismo primitivo. Era uma religião pobre que, em vez de festas pomposas, de danças, de banquetes, de jogos do circo, de espetáculos do anfiteatro, só oferecia imagens lúgubres, lembranças sangrentas, leituras sérias, instruções e orações cujo objeto nada tinha de lisonjeiro para os sentidos. Era uma religião toda espiritual e toda de futuro. Como recompensa, só prometia neste mundo o desprezo dos sábios, o ódio dos povos, a espoliação, a morte sob as formas mais terríveis; e, depois da morte, bens invisíveis dos quais o homem não pode fazer ideia.

VIII

Que o mundo antigo tenha aceitado o paganismo sem resistência e até com solicitude; que a ele se tenha mostrado fortemente apegado, concebe-se. Estabelecer o paganismo era abrir, diante da torrente das paixões, os diques que a retêm. Ao contrário, estabelecer o cristianismo é não somente deter a torrente, mas ainda fazê-la remontar à sua fonte. Apegar-se ao paganismo era adorar as inclinações mais imperiosas e mais caras. Apegar-se ao cristianismo era crucificar-se vivo. Se a primeira empresa nada oferece de difícil, a segunda é um desafio lançado a todas as forças humanas.

IX

Pela mesma causa explicam-se os êxitos de Maomé. À frente de exércitos fanáticos, o cameleiro de Meca apresenta-se ao árabe ignorante e corrompido; depois, com o sabre numa das mãos e a taça dos prazeres na outra, diz-lhe: «Crê ou morre.»

Na fé que exige durante a vida está a autorização de pilhar, de matar, de reduzir à escravidão tudo o que não é crente; depois da morte, o penhor de todos os prazeres sensuais num paraíso de voluptuosidades. Concebe-se ainda que, lisonjeando as paixões, o maometismo tenha podido granjear inumeráveis partidários. Para obter semelhante resultado, não é preciso ser nem deus, nem taumaturgo, nem santo, nem profeta.

X

O mesmo se dá com todas as pretensas religiões que apareceram no mundo. Nenhuma houve que não tenha devido sua origem, seus progressos e sua duração à emancipação de uma das três concupiscências do coração humano: o orgulho, a cobiça, a volúpia.

Menos oposta é a luz às trevas do que o cristianismo a todas essas falsas religiões. Só ele não pactua com fraqueza alguma; só ele ataca de frente todos os vícios e todas as inclinações corrompidas; só ele prega todas as virtudes e ordena todos os gêneros de sacrifícios.

Tal é, cumpre repeti-lo, a religião que se tratava de estabelecer.



> Tirado de um manuscrito latino da Biblioteca Nacional, século XI. «Deus fez tudo com ordem, peso e medida» (cf. Sb 11, 21: «Mas tôdas as coisas dispuseste com medida, e conta, e pêso»).

[^1]: *Illuminans tu mirabiliter a montibus æternis, turbati sunt omnes insipientes corde.* — «Fazendo brilhar a tua luz maravilhosa desde os montes eternos: todos os nescios de coração ficárão perturbados» (Sl 75, 5-6).

[^2]: O Padre Lejeune, *Sermão sobre o estabelecimento da Fé*, t. V, p. 511 *(a numeração da página está ilegível no OCR; conferir no PDF)*.

Revision #2
Created 22 November 2026 12:49:52 by Admin
Updated 22 November 2026 15:38:03 by Admin